

Recebido: 16/04/2025
Aprovado: 15/08/2025

DOI: <https://doi.org/10.4025/rcj-uem.v8i2.76865>

This work is licensed under [CC BY-NC 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

Como citar este artigo:

RONCHI, Nathália. Carta de uma orientadora: a pesquisa como ato de escuta e afeto. **Revista de Ciências Jurídicas UEM**, Maringá, v. 08, n. 02, e0017, maio/ago. 2025.

RESENHA:

CARTA DE UMA ORIENTADORA: A PESQUISA COMO ATO DE ESCUTA E AFETO

Nathália Ronchi,

Mestranda em Direito, UENP

Maringá - Paraná - Brasil

<https://orcid.org/0009-0000-7676-3379>

<http://lattes.cnpq.br/9189132174001978>

nathaliaronchi@hotmail.com

RESENHA DE: DINIZ, Débora. Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmica. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024. ISBN 978-65-5802-150-6.

RESUMO: No livro “Carta de uma orientadora”, Débora Diniz apresenta uma escrita acolhedora e politicamente engajada sobre o fazer acadêmico para além dos conselhos metodológicos. A obra com viés afetivo, mas também crítico, é destinado a estudantes e pesquisadoras iniciantes e que já estão na carreira, especialmente mulheres, a fim de construir uma narrativa que entrelaça escuta, cuidado, práticas de escrita e relações de poder nos ambientes de pesquisa. Em linguagem acessível, Diniz reivindica uma epistemologia da ternura e propõe que a escrita acadêmica seja mais do que técnica — seja também gesto de coragem e construção coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita Acadêmica; Feminismo; Autonomia Intelectual.

RESENHA:

Publicada pela Civilização Brasileira em 2024, a obra “Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmicas”, de Débora Diniz, é um convite para reflexão sobre como constituímos pesquisadoras e autoras no ambiente acadêmico. O texto, em forma de carta, propõe um modo de orientação pautado na escuta, no afeto e na responsabilidade do conhecimento compartilhado.

A autora é antropóloga, professora da Universidade de Brasília e já publicou diversos livros sobre aborto, prisão e saúde mental, sobretudo de mulheres. Em 2017, recebeu o Prêmio Jabuti de melhor livro na categoria Ciências da Saúde com o livro “Zika: do Sertão nordestino à ameaça global” (Editora Civilização Brasileira) e, no ano seguinte, foi considerada um dos cem pensadores globais pela revista *Foreign Policy*.

Antes de adentrar ao sumário, a autora já se posiciona explicitando o porquê adota como estratégia política e pedagógica, o feminino. Ao publicizar que não utilizará o masculino e marcadores neutros, anuncia sua escrita comprometida com a inclusão e com a escuta das diferenças, reconhecendo as assimetrias de poder e insistindo na possibilidade de uma relação ética e sensível, orientada por uma pedagogia do cuidado.

Ao longo da obra, são oferecidas orientações práticas para o desenvolvimento de pesquisas, como o uso de cadernos (como o “vaga-lumes” e o “canteiro de obras”), ferramentas digitais (Zotero, Slack, ChatGPT, ResearchRabbit, entre outras), além de sugestões de leitura e metodologias. Diniz propõe que a pesquisadora assuma o próprio processo de aprendizagem com disciplina, mas sem autoritarismo, resgatando a autonomia intelectual como potência criativa.

O uso de cadernos trazido pela Diniz corrobora com a proposta da carta: orientar sobre a pesquisa e a escrita acadêmica. Por vezes, nos chamados “encontros” e “desencontros” que a autora aborda no livro, a pesquisa esbarra em limitações no fazer pesquisa tanto proporcionado por ausência, quanto por hierarquias já ultrapassadas na pesquisa. O “caderno vaga-lume” onde o termo se deu a partir da obra de Georges Didi-Huberman, “Sobrevivência dos vaga-lume” (Editora UFMG, 2011), serve para registros de encontros, trocas de e-mail, notas preparatórias e ideias que forem surgindo ao longo do tempo de pesquisa a fim de que nada se perca - é sobre o instante de encontros. Já o “caderno canteiro de obras” sugere a junção do que já está feito no primeiro caderno com uma maior elaboração de pensamentos sobre o processo de leitura e escrita.

Outrossim, na busca por referências, orienta que façamos um “mapa de autoras” a fim de medir a extensão e delimitando as fronteiras que iremos percorrer ao longo da pesquisa, principalmente porque fazemos, sem perceber, o que a autora chama de “turismo textual”.

As metáforas com costura e bordado percorrem a obra, revelando o caráter artesanal da escrita acadêmica. Cada argumento é uma linha costurada com outras autoras, com o grupo de pesquisa e com os dados de campo. O compromisso não está com o exibicionismo teórico, mas com a coerência e a delicadeza

do pensamento e, principalmente, do conhecimento compartilhado entre as pares. Além disso, “[...] *há quem sustente que escrever textos acadêmicos é rebuscar-se nas palavras e frases. [...] A sofisticação deve estar no pensamento, na construção do argumento e no cuidado em seu trabalho de campo.*” (DINIZ, 2024, p. 96), defendendo que a escrita deve ser fluída e clara, desmistificando o academicismo excessivo que obscurece o conteúdo em nome de uma falsa erudição.

Além da crítica às formas tradicionais e hierarquizadas de ensino e orientação, Diniz categoriza quatro perfis de leitoras (a burocrata, a atriz, a desmedida e a criadora), convidando à autorreflexão sobre nossos próprios hábitos de leitura, escrita e organização. A escritora coloca que, dependendo do tempo em que nos encontramos, podemos ser qualquer uma dessas leitoras. Todavia, a criadora – modelo idealizado por Diniz e, segundo ela, a que mais a inspira – é aquela que duvida, arrisca, escuta e transforma, sem perder a responsabilidade ética de sua prática acadêmica.

Ademais, a autora enfatiza que a ilusão da perfeição frequentemente nos aprisiona em atrasos evitáveis, especialmente quando deixamos de nos encontrar com o tempo necessário para estruturar e planejar a pesquisa. Reconhece, contudo, que os atrasos existirão — inevitavelmente —, pois o tempo disponível raramente acompanha a dimensão dos nossos desejos investigativos e das condições reais de desenvolvê-los. *“Iniciamos com um tema para, depois de algum tempo, alcançarmos nosso problema. O desafio é sair do tema, chegar a um problema razoável, realizar a pesquisa e escrever no tempo disponível em seu calendário.”* (DINIZ, 2024, p. 45)

Nesse sentido, o livro propõe que as fases iniciais, especialmente da leitura, devem ser planejadas pela pesquisadora para que ela tenha condições suficientes de escrita. Para ajudar nessa fase, a escritora explica como utilizar o plano de “boias de leitura”: primeiramente assista aulas sobre a autora que queira utilizar; em seguida, leia manuais e comentaristas sobre a obra; e, por fim, comece a leitura por artigos em vez de livros. Ainda, a autora sugere uma “última boia”: caso a referência tenha alguma obra em outra língua, tente ler a original, acompanhando com uma tradução ao lado e vendo o emprego da linguagem e dos seus significados.

Ao fim da leitura, fica evidente que o livro não é apenas um guia teórico de pesquisa, mas um manifesto por outra universidade possível: menos performática e mais honesta; menos produtivista e mais comprometida com o pensamento crítico e transformador. Uma obra necessária para quem deseja trilhar o caminho da pesquisa com humanidade, rigor e coragem.

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lume. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DINIZ, Debora. Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmica. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

LETTER FROM AN ACADEMIC ADVISOR: RESEARCH AS AN ACT OF LISTENING AND AFFECTION

ABSTRACT: **Abstract:** In the book “Letter from an Advisor”, Débora Diniz offers a welcoming and politically engaged perspective on academic work that goes beyond methodological advice. With an affective yet critical approach, the work is aimed at both early-career students and researchers, especially women, seeking to build a narrative that interweaves listening, care, writing practices, and power relations within research environments. Using accessible language, Diniz advocates for an epistemology of tenderness and proposes that academic writing should be more than technique — it should also be an act of courage and collective construction.

KEYWORDS: Academic Writing; Feminism; Intellectual Autonomy.

CARTA DE UNA ORIENTADORA: LA INVESTIGACIÓN COMO ACTO DE ESCUCHA Y AFECTO

RESUMEN: En el libro “Carta de una orientadora”, Débora Diniz presenta una escritura acogedora y políticamente comprometida sobre el hacer académico más allá de los consejos metodológicos. La obra, con un enfoque afectivo pero también crítico, está dirigida a estudiantes e investigadoras principiantes y también a quienes ya están en la carrera, especialmente mujeres, con el fin de construir una narrativa que entrelace escucha, cuidado, prácticas de escritura y relaciones de poder en los espacios de investigación. Con un lenguaje accesible, Diniz reivindica una epistemología de la ternura y propone que la escritura académica sea más que técnica: sea también un gesto de valentía y construcción colectiva.

PALABRAS CLAVE: Escritura Académica; Feminismo; Autonomía Intelectual.